

ação ergonômica volume 7, número 2

UMA CONTRIBUIÇÃO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE ATRIBUTOS PARA PROJETOS DE COZINHAS

Gilberto Rangel de Oliveira

Laboratório de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces | LEUI
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio
grangeldesign@gmail.com

Claudia Mont'Alvão

Laboratório de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces | LEUI,
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio,
cmontalvao@puc-rio.br

Resumo: Balizado por conceitos e definições de estudos da Percepção Ambiental apresenta-se neste artigo alguns aspectos da complexidade da relação homem-ambiente. Realizou-se pesquisa com especialistas da área de Arquitetura e Design no intuito de levantar atributos para realização de projetos de cozinhas residenciais. Aplicaram-se entrevistas com estes profissionais e também com usuários de cozinhas residenciais de público diversificado na cidade do Rio de Janeiro, a fim de confrontar as afirmativas de especialistas e a avaliação dos usuários sobre estes mesmos atributos.

Palavras chave: Percepção ambiental, especialistas, atributos, cozinhas residenciais, entrevistas.

Abstract: Based on concepts and definitions of Environmental Perception studies, this paper presents some aspects of the complex relation between human and environment. A research was carried out with experts in Architecture and Design areas, aiming to find out attributes for a home kitchen design. Interview technique was used with them and also with users of these spaces in the city of Rio de Janeiro, trying to confront each other about these attributes.

Keywords: environmental perception, experts, attributes, residential kitchens, interviews

1. INTRODUÇÃO

O estudo da percepção e dos processos cognitivos é imprescindível para a compreensão das inter-relações entre o usuário e o ambiente, bem como suas consequências. Os estudiosos do assunto direcionam suas pesquisas em diversas áreas de investigação diferentes como, concepção de espaços, comportamento humano, aspectos simbólicos, e ainda os hábitos e costumes dos usuários.

Segundo Elali (2002), a Psicologia Ambiental pode ser conceituada como o “estudo das transações entre indivíduos e seus ambientes físicos” apud (Gifford 1987:2). Nesse sentido, ela se aproxima de forma acentuada da Arquitetura e Urbanismo, considerando seu objeto de estudo a relação bidirecional Pessoa-Ambiente, o que eleva este como foco principal das atividades relacionadas à concepção dos espaços nos quais e com os quais convivemos.

Outro aspecto relevante sobre a percepção ambiental é o comportamento humano. Okamoto (2002) defende o pensamento de McFarling, onde explica “para fins de definição, considera a Psicologia Ambiental como uma disciplina que trata das relações entre o comportamento humano e o ambiente físico do homem”. (Okamoto, 2002 apud McFarling; Heimstra, 1978). Na visão do autor a relação entre homem e espaço, no contexto do meio ambiente, tem sido objeto de questionamento para a formação do comportamento, pois o homem é constituído de dois universos: um exterior, em constante processo de adaptação ao meio, e outro interior que exterioriza-se em ações como resposta à interpretação da realidade que o cerca.

Segundo o autor o comportamento é conduzido por uma resposta à percepção do ambiente através dos estímulos provocados pelo mesmo. O processo ocorre da seguinte forma:

“Temos a sensação do ambiente pelos estímulos desse meio, sem se ter consciência disso. Pela mente seletiva, diante do bombardeio de estímulos, são selecionados os aspectos de interesse ou que tenham chamado a atenção, e só aí é que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento), resultando em uma resposta que conduz a um comportamento.” (Okamoto, 2002 p.27).

Corroborando nesta mesma linha de estudo, Vicente Del Rio (2002) defende que a Psicologia Ambiental trata do “estudo das implicações psicológicas e psicossociais das inter-relações entre o homem e o meio ambiente”. Nesse sentido, o autor explica que os três principais campos de estudo abordados pela psicologia ambiental investigam etapas importantes e distintas, representando fases (ou momentos) do processo de interação entre o

homem e o seu ambiente: a percepção, a cognição e o comportamento. “Esses campos sugerem diferentes perspectivas do entendimento dos processos mentais e, conseqüentemente, das relações entre o homem e o ambiente...” (Vicente Del Rio, 2002, p.203).

A pesquisadora Bins Ely (2003) explica que “a percepção é o ponto de partida de toda atividade humana. É a percepção, que nos fornece toda informação necessária para nossa orientação em um ambiente específico. Recebemos informações do meio ambiente ou das demais pessoas através de nossos sistemas de percepção: audição, visão, paladar/olfato, háptico e equilíbrio.”

A partir da perspectiva que as atividades dos profissionais ligados ao processo construtivo do Ambiente Construído e dos objetos que nos cerca (como Arquitetos e Designers), fica evidente que, antes da intervenção projetual e da ação ambiental, é primordial obter a maior compreensão possível do ambiente sobre o qual agimos, das relações que seus usuários mantêm com ele, das conseqüências previstas dessas ações e dos seus reflexos psicossociais para a sociedade futura.

Outros elementos contribuem no entendimento das relações homem e ambiente, a considerar: os aspectos simbólicos, os hábitos e costumes dos usuários. Vasconcelos (2002) chama atenção do simbolismo do habitar que tem crescido em importância, a partir dos anos 1970, entre não apenas os arquitetos, mas todos os cientistas do humano. Como exemplo a autora apresenta algumas considerações:

“Segundo Ekambi-Schmidt (1974), em seu estudo sobre a percepção do habitat, a palavra habitação recobrando diferentes significados – ação de habitar/imóvel/lugar -, é ao primeiro sentido que a autora aplica sua análise por meio da etimologia do

verbo habere, realizando um levantamento dos qualificativos emprestados à casa...Mostrando-se antifuncionalista, a autora afirma que é o supérfluo que torna personalizado o espaço da casa. Aplicando o método constelação de atributos (Moles) mostra o quanto os resultados de uma pesquisa por ela realizada traduzem estereótipos e fantasias, bem mais que a realidade doméstica vivida”. (Vasconcelos, 2002 p. 161).

A pesquisadora Ferrara (1999), defende a ideia que usos e hábitos reunidos, constroem a imagem do lugar, contudo sua característica de rotina cotidiana projeta, sobre ela, uma membrana de opacidade que impede sua percepção, tornando o lugar, tal como o espaço, homogêneo e ilegível, sem decodificação. A autora explica ainda que superar essa opacidade é condição de percepção ambiental, ou seja, de gerar conhecimento a partir da informação retida, codificada naqueles usos e hábitos. Daí conclui: “percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação: usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a lógica da linguagem.” (Ferrara, 1999).

De forma realista se considerar que a maior parte de nossa existência ocorre em ambientes construídos, o papel e as responsabilidades sociais dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo, Designers e Engenheiros crescem, à medida que estudos na área da Psicologia Ambiental avançam. Segundo Elali (2002), apesar disso, verifica-se que:

“Embora as intervenções dos designers constituam-se em alterações intencionais do ambiente a fim de adequá-lo ao uso do homem, na maioria das vezes estas se realizam de modo pouco consciente em termos da compreensão de suas implicações

comportamentais”. (Elali, 2002, apud Cartier, 1977; Sommer, 1973 p.65, in Del Rio org. 2002).

As dificuldades de arquitetos, designers e engenheiros em relação à compreensão e à decodificação humana dos ambientes que projeta / constrói ainda são elevadas e não se pretende aqui, discutir as responsabilidades sociais do designer (por exemplo). A pesquisa que objetiva-se aqui desenvolver tem com ação norteadora encontrar ferramentas que facilitem a compreensão da relação usuário – ambiente e consequências. “Busca-se enfatizar que proporcionando uma compreensão mais profunda da relação ambiente-comportamento, a soma de experiências de arquitetos e psicólogos pode representar melhoria na qualidade ambiental e maior bem-estar social”. (Elali, 2002)

O estudo da Percepção Ambiental é vasto, diversificado e interdisciplinar. As assertivas explicitadas neste artigo propõe melhor entendimento da relação entre o ambiente (espaço físico) e o usuário. Para melhor compreensão dessa relação realizou-se pesquisa com especialistas e usuários de um ambiente específico. A partir de questionários e entrevistas levantou-se quais atributos são considerados relevantes para o desenvolvimento de projeto de ambientes – a partir do ponto de vista de especialistas no assunto. Este artigo apresenta estes atributos e o grau de importância apontado por usuários, tendo como cenário cozinhas residenciais na cidade do Rio de Janeiro.

2. METODOLOGIA

Das pesquisas descritivas podem-se citar a observação e a inquirição como suas principais subdivisões. Conforme explica MORAES e MONT’ALVÃO (2007) os tipos de observação

podem ser subdivididos em: observação assistemática, observação sistemática e registro de comportamento. Entre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Dos métodos interrogativos é o mais flexível de coleta de dados, de concordando com Moraes e Mont'Alvão (2007). As entrevistas menos estruturadas desenvolvem-se de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo apriorístico de interrogação.

A inquirição compreende entrevistas, verbalizações, questionários e escalas de avaliação. Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas como principal ferramenta de investigação com onze especialistas da área de Arquitetura e Design de Interiores e aplicou-se um questionário com 30 (trinta) moradores da cidade do Rio de Janeiro que utilizam cozinhas residenciais.

Entre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Conforme explica GIL (2007), esta pode assumir as mais diversas formas, podendo caracterizar-se como informal (ou não diretiva) – quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada – quando, embora livre, enfoca tema bem específico cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. A entrevista parcialmente estruturada (ou semiestruturada) – quando é guiada por relação de pontos de interesse que o pesquisador vai explorando ao longo de seu curso. E por fim, totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas.

A Ergonomia lança mão dos diferentes tipos de entrevista conforme as diferentes etapas, objetivos e

objetos da pesquisa. Nesta pesquisa colocar-se-á em prática a entrevista semiestruturada.

2.1 O perfil dos entrevistados

Os profissionais foram selecionados de forma aleatória, porém com alguns pré-requisitos:

1. Morar e trabalhar com projeto de interiores na cidade do Rio de Janeiro;
2. Desenvolver projeto de interiores residenciais, sendo este foco principal em suas atividades de mercado;
3. Ter pelo menos dez anos de atuação no mercado de trabalho.

Foram selecionados oito profissionais com escritório próprio, que trabalham em regime de autônomo e três profissionais que trabalham em lojas de móveis planejados, com vínculo empregatício – ramo de atividade da área de decoração que tem absorvido boa parte dos profissionais de projeto no mercado. Decidiu-se mesclar estes profissionais de regime laboral diferentes com o objetivo de ampliar o máximo o ângulo de visão dos especialistas que trabalham nessa área. O tempo médio de mercado exercido pelos especialistas levantado foi de 21 anos. O total de profissionais pesquisados foram 11 especialistas – sendo: 09 arquitetos, 01 engenheiro e 01 designer de interiores.

2.2 Entrevista com os especialistas

A pesquisa foi realizada no período de 27 de julho a 17 de agosto de 2010, através de entrevista semiestruturada com respostas abertas. Utilizou-se caderneta de anotação, gravador digital e folha com as perguntas escritas. Durante as entrevistas foram realizadas as seguintes perguntas:

1. Qual seu ponto de partida para o desenvolvimento de um novo projeto de cozinha?
2. Quais atributos o Sr. (a) julga importante no desenvolvimento de um projeto de cozinha residencial? Por quê?
3. Apresente pontos positivos e negativos no desenvolvimento de um novo projeto de cozinhas.

O tempo médio de atuação no mercado de trabalho exercido pelos especialistas entrevistados foi de 21 anos. O total de profissionais pesquisados foram 11 especialistas, sendo: 09 arquitetos, um engenheiro e um designer, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos especialistas entrevistados.

Nome	Ano da Graduação	Formação	Tempo de Mercado (em anos)	Local de trabalho
A	1996	Arquiteto	18	Escritório
B	1984	Arquiteto	26	Escritório
C	1992	Arquiteto	20	Escritório.
D	1981	Arquiteto	29	Escritório
E	1983	Arquiteto	15	Escritório
F	1990	Engenheiro	10	Escritório
G	1982	Arquiteto	30	Escritório
H	1986	Arquiteto	25	Loja de móveis
I	1998	Arquiteto	10	Loja de móveis
J	1979	Arquiteto	30	Loja de móveis
K	1982	Designer	20	Escritório / docente

2.3 Respostas dos Especialistas a entrevista

Quando inquiridos sobre “Qual seu ponto de partida para o desenvolvimento de um novo projeto de cozinha?” os especialistas em sua maioria (cerca de oito especialistas) indicam como ponto de partida compreender o “perfil do usuário” que irá usar o espaço, entender como o cliente percebe este espaço, seus hábitos, rotina, valores, etc. Outros profissionais destacam como “deslocamento” (triângulo de funcionalidade: fogão – pia - geladeira) como requisito inicial para o desenvolvimento de um novo projeto. Outros apontam que é fundamental compreender qual o real desejo de seus clientes em utilizar este espaço. “é preciso compreender de que forma o cliente pensa sobre a utilização da cozinha”

– afirma a respondente D. Outros apontam que é importante definir junto ao cliente qual o estilo de cozinha será proposto, (moderno, sofisticado, funcional, contemporânea, provençal, futurista entre outros).

As respostas sobre “Quais atributos o Sr.(a) julga importante no desenvolvimento de um projeto de cozinha residencial, porquê?” foram bastante diversificadas: O respondente B, participante de grandes eventos de decoração como CASA COR-RJ, aponta como atributos ou itens essenciais para o desenvolvimento de um bom projeto de interiores: a distribuição dos setores de funcionamento da cozinha, boa circulação, boa iluminação natural e artificial, e principalmente, segundo este respondente “ a cozinha não precisa ter cara de cozinha, é muito importante um cuidado com os revestimentos,

iluminação, utilização de recursos como pintura nas paredes, colocação de papéis de parede, espelhos, e eletrodomésticos modernos” – afirma o arquiteto.

Outros profissionais apontam como atributo essencial o cuidado em privilegiar o cliente com uma bancada espaçosa de trabalho e organizar os armários em setores adequados de uso, bem como o cuidado com os acessos às gavetas, portas e gavetões.

Por outro lado, existe divergência de opinião quando o assunto é cozinha integrada com a sala, também conhecido como “cozinha-living” ou cozinha integrada¹, Figura 1. Dos onze especialistas entrevistados cinco concordam com projetos que propõe a integração de ambientes tão distintos como sala e cozinha, porém com restrições: outros profissionais defendem que “combina com o ritmo atual da sociedade, devido a mudanças de hábitos e costumes dos brasileiros”, porém alerta que é necessário ter um bom sistema de exaustão e a possibilidade de flexibilizar a integração entre cozinha e sala, através de portas deslizantes, esclarece os profissionais. Outros profissionais discordam como o respondente A que afirma, “a integração entre cozinha e sala somente é possível se o cliente/usuário for solteiro ou apenas um casal, sem filhos.” A especialista não acredita no sucesso desse tipo de proposta projetual por outro lado, a respondente K, lembra que existe uma tendência atual desse tipo de layout de projeto de interiores e a própria arquitetura dos atuais apartamentos já pré-definido este tipo de proposta.

¹ Este termo, que tem sido amplamente utilizado em periódicos variados na área de decoração, como revistas, jornais e edições especiais sobre o assunto, foi extraído da publicação: Cozinhas Integradas. Coleção Folha Decoração e Design, Druesne, Alexandra; tradutora: Rita Myrian Zagordo – São Paulo: Folha de São Paulo, 2010, 128p. vl.13.

Alguns profissionais acrescentaram na entrevista que existe hoje uma tendência de horizontalidade nos projetos com a utilização de gavetões nos armários inferiores – o que proporciona mais conforto ao usuário, e os projetos em geral acompanham a tendência de “soltar” os armários do teto, apresentando um visual mais leve, com utilização de portas deslizantes de vidro pintado. Por fim, alguns especialistas apontaram como tendência a utilização de vidros nas portas de armários sem transparência, com a utilização de cores, fortalecendo contrastes e evidenciando detalhes de acabamento nos projetos, como o uso de revestimentos, iluminação especial e bancada com materiais sofisticados.



Fig. 1 – Moderna cozinha integrada com sala – “kitchen-living”

2.4 Atributos levantados a partir da entrevista com especialistas

Após as entrevistas com os especialistas as conversas foram transportadas do gravador digital para um computador onde foram feitas a análise de conteúdo e de lá retiramos doze atributos mais citados, apontados como essenciais num projeto de interiores. Estes atributos (ou características) estão organizados através de uma tabela onde foi possível agrupar um resumo da definição destes atributos por

parte dos especialistas – desta forma é possível visualizar melhor os resultados e como os especialistas definem cada aspecto projetual no desenvolvimento de propostas de ambiente construído, neste caso considerando-se as cozinhas residenciais. Os atributos são os seguintes:

1. Acesso aos armários - Facilidade de alcance e acesso aos armários superiores e inferiores, de acordo com as medidas estabelecidas em Normas Técnicas e requisitos dos usuários.
2. Bancada de trabalho - Espaço disponível para a realização de tarefas.
3. Beleza da Cozinha - Harmonia na escolha dos acabamentos; Proporção e alinhamento de portas e frentes de gavetas, nichos e gavetões; Uso de cores em detalhes, favorecendo contrastes; Proporção da dimensão dos elementos que compõe a cozinha como um todo; Utilização de materiais que valorizem o ambiente como: papéis de parede, pintura, luminárias, decoração, etc.; Os eletrodomésticos e ou eletro portáteis encaixam-se em nichos e recuos específicos.
4. Circulação - Facilidade de movimentação dos usuários nos setores da cozinha.
5. Cozinha integrada com a sala de estar - É uma proposta projetual onde não há paredes ou portas entre cozinha e sala de estar.
6. Durabilidade - Materiais que resistam ao uso contínuo de uma cozinha; A durabilidade pode referir-se a eletrodomésticos, eletros portáteis, bancadas, revestimento ou mobiliário.
7. Iluminação natural e/ou artificial – Iluminação natural é aquela proporcionada pela luz e/ou claridade da luz solar; Iluminação artificial é aquela proporcionada por luzes artificiais como lâmpadas e refletores.
8. Mesa na cozinha - Local para pequenas refeições dos usuários da casa e/ou empregados; Também auxilia como apoio na realização de tarefas.
9. Organização - Setores da cozinha dispostos de forma equilibrada (preparo, cocção e armazenagem), levando em conta o planejamento das atividades; O equilíbrio entre a quantidade de armários fechados e de nichos abertos, também pode ser entendido como um espaço organizado.
10. Perfil do usuário - Perfil de quem irá usar a cozinha – considerar seus hábitos, desejos, estilo, rotina da casa, cultura da família e expectativas.
11. Tecnologia de ponta - Utilização de eletrodomésticos e ou eletro portáteis que facilitem as tarefas do uso da cozinha; Utilização de materiais em revestimentos (pisos e paredes), bancadas e mobiliários que facilitem a limpeza.

12. Ventilação natural e/ou artificial - Ventilação natural é aquela proporcionada pelo fluxo de circulação de ar entre portas, janelas e basculantes; Ventilação artificial é aquela proporcionada pelo uso de coifas.

A partir dos atributos listados chama-se atenção para o atributo “perfil do usuário” como o mais citado entre os especialistas. Cerca de oito dos entrevistados afirmam que o ponto de partida para o desenvolvimento de um novo projeto de interiores (em particular as cozinhas), tem como a análise cuidadosa do perfil do usuário. Estes profissionais acreditam que através de conversas informais, registro de informações e visitas à atual residência do cliente e reconhecimento visual do ambiente é fundamental para o desenvolvimento de um bom projeto.

No aspecto “acesso aos armários” os especialistas explicam que lançam mão das medidas estabelecidas pela Norma NBR 14033² e dimensões estabelecidas em publicações de referência como Panero & Zelnik (2008).

Alguns atributos que apresentam características semelhantes foram agrupados em um mesmo item: “ventilação natural e / ou artificial” e “iluminação natural e/ou artificial, o agrupamento justifica-se porque, segundo os especialistas, geralmente são poucas as possibilidades de alteração nos quesitos iluminação e ventilação sem que haja uma interferência direta na alteração da arquitetura

da moradia (na maioria dos casos). Por isso os profissionais costumam usar os termos juntos, pois partem do princípio que se não é possível alterar os níveis de ventilação e/ou iluminação natural dos ambientes, lançam mão de outros meios para melhorar a sensação de conforto do ambiente, como os recursos artificiais.

O atributo “beleza da cozinha” foi um dos atributos em que houve a participação de praticamente todos os especialistas entrevistados, cada um com sua explicação “particular” sobre o que é uma “cozinha bonita” e em qual grau de importância esse requisito costuma ser exigido por parte dos usuários. Desta forma, alguns profissionais destacaram a valorização de cores nos detalhes, sejam eles no mobiliário, bem como nos revestimentos e bancadas. Outros comentaram da harmonia de elementos, nichos, portas alinhadas e o conjunto do projeto. E por fim foi enfatizado que a “beleza da cozinha” é valorizada com a utilização de pinturas nas paredes (evitar a cozinha tradicional toda revestida de cerâmica branca), utilização de produtos mais sofisticados na decoração como papéis de parede, cortinas, painéis de madeira, espelhos, pastilhas, luminárias arrojadas e eficientes, entre outros.

Alguns atributos citados pelos especialistas possuem uma definição mais clara e comumente estabelecida como: circulação, organização, mesa na cozinha, acesso aos armários e gavetas. Essa espécie de “censo comum” foi verificada no conteúdo das entrevistas onde algumas definições se repetiam invariavelmente entre os entrevistados.

Destacam-se aqui os atributos que tem correlação direta com o corpo de conhecimentos da Ergonomia e com os estudos ergonômicos do ambiente construído, ainda que os especialistas

² A Norma NBR 14033 padroniza as dimensões dos móveis para cozinha e estabelece os requisitos de segurança e os métodos de ensaio para determinação da estabilidade, resistência e durabilidade de móveis para cozinha.

sequer mencionem a palavra “Ergonomia” ou “Ergonômico” durante a entrevista. Dentre esses atributos podemos destacar:

- O atributo “perfil do usuário” referindo-se às necessidades estabelecidas pelos usuários na visão dos especialistas;
- Os atributos “iluminação natural e/ou artificial”, “ventilação natural e/ou artificial” e “circulação” são apontados pelos especialistas como importantes, e sem que mencionem a questão do conforto ambiental, amplamente estudados pela Ergonomia.

2.5 Grau de relevância dos atributos segundo ponto de vista dos usuários

Com o objetivo de verificar o quanto os usuários avaliavam os atributos citados pelos especialistas para seu projeto de cozinha (de forma individualizada) realizou-se uma entrevista com 30 usuários de cozinhas residenciais, que de alguma forma ou em algum momento utilizam ou já utilizaram a cozinha em sua residência. A técnica para avaliar o grau de importância de cada atributo frente às opiniões dos usuários foi a Escala de Avaliação.

As Escalas de Avaliação são instrumentos que objetivam medir a intensidade das opiniões e das atitudes, conforme explica Moraes e Mont’Alvão (2007): “consiste basicamente numa série graduada de itens – dentre os quais o respondente deve assinalar aqueles que melhor correspondem à sua percepção sobre o fato pesquisado”.

2.6 Perfil dos usuários

Uma pesquisa realizada com usuários já apresenta por si só um cenário acentuado de informações, marcado principalmente pelo contato pessoal do pesquisador com o entrevistado. A maioria das entrevistas foi realizada fora do ambiente doméstico do pesquisado – apenas cinco entrevistas aconteceram na casa do usuário. A pesquisa foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, incluindo-se Região Metropolitana³. O perfil dos usuários entrevistados é demonstrado na tabela 2 e o mapa da região metropolitana do RJ na figura 2.

2.7 Aplicação da entrevista com os usuários

Utilizou-se um formulário próprio onde constavam os atributos citados pelos especialistas e os níveis de importância: irrelevante, pouco relevante, relevante e muito relevante. Então, solicitou-se aos inquiridos que apontasse o grau de importância sobre cada atributo, através de um X. A questão aplicada na entrevista com os usuários, para utilização da escala de avaliação foi:

“Marque com um “X” o grau de importância correspondente aos atributos listados abaixo.”

³ A Região Metropolitana do Rio de Janeiro, também conhecida como Grande Rio, foi instituída pela Lei Complementar nº20, de 1º de julho de 1974, após a fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. Com 11.812.482 habitantes (IBGE/2008), é a segunda maior área metropolitana do Brasil, terceira da América do Sul e 23ª maior do mundo (projeções para 2008). Hoje, a região metropolitana do Rio de Janeiro é composta, segundo a Lei Complementar nº PP 105 de 2002, por 17 municípios: Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, SãoJoão de Meriti, Seropédica, Mesquita e Tanguá. Disponível:

http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_riodejaneiro.pdf, acessado em: 01/12/2010.

Tabela 2 – Perfil dos usuários.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS						
Número de entrevistados	Gênero	Grau de escolaridade	Região que habita na RM RJ	Área da casa (m ²)	Idade	Tem filhos?
30	M = 10 F = 20	Super. = 18 Médio = 09 Básico = 03	Zona Sul = 15 Zona Norte = 03 Centro = 01 Zona Oeste = 05 RMetropolitana = 06	>150m ² < 55m ² Md = 87,03 m ²	> 75 a < 24 a	S = 26 N = 4



Figura 2 - Mapa Região Metropolitana do Rio de Janeiro e municípios excluídos pela divisão administrativa vigente no Estado. Fonte: PCRJ/ SMU/Coord. Geral de Planej. Urbano

Foram apresentadas aos respondentes quatro categorias de respostas, para que expusessem o seu grau de relevância. Atribuiu-se a cada categoria pontuação de 1 a 4, de modo que o número um (1) refere-se ao menor grau de importância e o número quatro (4) o mais elevado nível de importância atribuída a um dado atributo. As categorias e as pontuações utilizadas na pesquisa com os usuários foram: irrelevante (1), pouco relevante (2), relevante (3) e muito relevante (4).

Os respondentes foram informados que cada atributo poderia ter apenas uma atribuição de nível de importância. Caso o entrevistado mudasse de opinião ou errasse no preenchimento do formulário, deveria

fazer um círculo na resposta errada e fazer novamente um “X” na resposta que julgasse mais acertada.

Os resultados foram compilados em planilha eletrônica e em seguida formulou-se o Gráfico 1 para ilustrar as informações apresentadas na pesquisa.

2.8 Resultados da aplicação da Escala de Avaliação

Observa-se no Gráfico 1 que de uma maneira geral os atributos apresentam um bom nível de aceitação por parte dos usuários, onde dos doze (12) atributos nove (9) pontuaram acima de cem pontos. Isto demonstra o alto nível de aceitação como

“importante” dos atributos utilizados na pesquisa por parte dos respondentes.

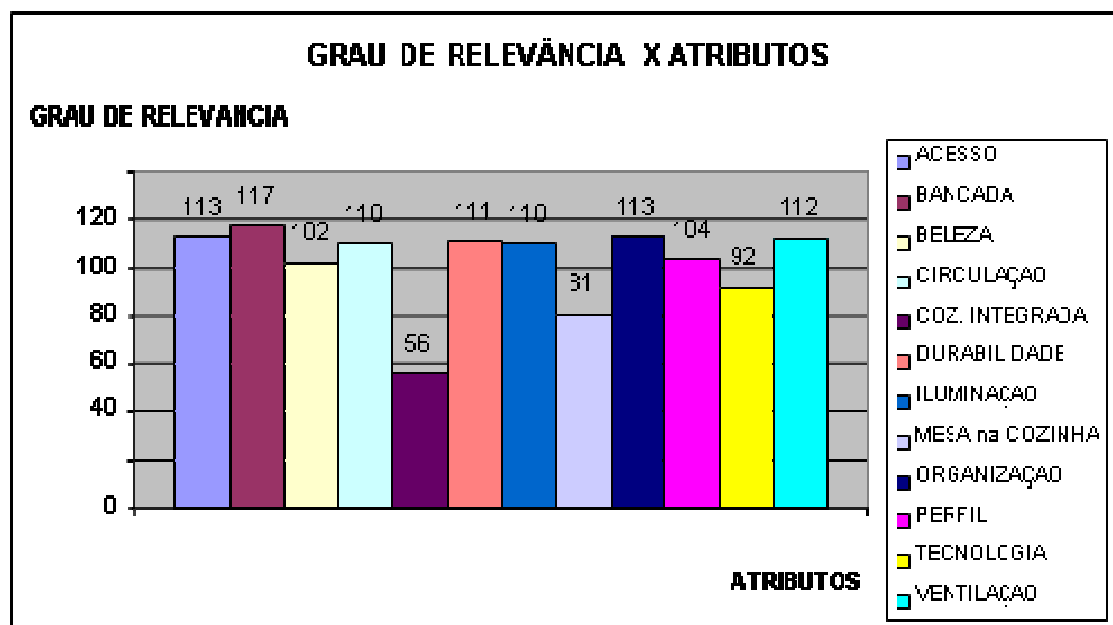
O atributo de maior aceitação foi “bancado de trabalho” e o menor foi “cozinha integrada com a sala de estar”.

O atributo “cozinha integrada com a sala de estar” – foi avaliado pelos usuários como o atributo de menor importância.

Outro atributo que chama atenção é o atributo “beleza da cozinha”. Sua avaliação em grau de importância do ponto de vista dos usuários foi de 102 pontos – valor um pouco afastado da pontuação

máxima possível nessa avaliação que seria 120 pontos. () Esse resultado causou certa estranheza, porque este atributo é um requisito que durante as entrevistas e conversas (informais) com os especialistas e com os usuários é apresentado com alto grau de relevância. Contudo, quando o usuário afasta-se um pouco do mundo das idealizações e se aproxima mais das questões “técnicas”, percebe-se uma inclinação maior em valorar mais estas características como, “bancada de trabalho”, ‘acesso aos armários’, ‘organização e ventilação’ ao invés das características estéticas.

Gráfico N° 01- Gráfico que aponta a relação entre atributos e o grau de relevância.



Vale destacar a baixa pontuação para os atributos “cozinha integrada”, mesa na cozinha e “tecnologia de ponta” – todos estiveram abaixo da pontuação máxima e um pouco acima da pontuação mínima (30 pontos).

A aplicação da Escala de Avaliação mostrou-se satisfatória no que se refere a confirmar e refutar informações prestadas pelos especialistas, elevando o valor qualitativo das informações.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ambientes construídos os quais habitamos, em geral são frutos de ideias e concepções de profissionais da área de Arquitetura, Engenharia e Design, atribuindo-se a estes profissionais papéis sociais e responsabilidades relevantes. Nesse sentido, faz-se necessário cada vez mais estudos na área da Ergonomia do Ambiente Construído que se volte

para a pesquisa da percepção do ambiente e o do usuário, não desprezando as questões de natureza física, mais ligada a Ergonomia propriamente dita como, por exemplo, a facilidade de uso e acesso, circulação, conforto térmico e acústico, entre outros, que também são de grande relevância.

A Ergonomia defende que o usuário é interlocutor fundamental em uma investigação científica – por mais bem detalhado que sejam as instruções de trabalho, por mais que bem observado a realização das tarefas, a palavra do usuário é essencial.

Nesta pesquisa, de forma objetiva inquiriram-se os especialistas responsáveis pela concepção de espaços e os usuários que utilizam estes ambientes, com o intuito de entender de que forma o profissional prioriza alguns aspectos projetuais e como os usuários os avaliam.

Através das entrevistas realizadas com os especialistas foi possível elencar um “conjunto de palavras” e conceitos sobre cada atributo e como são tomadas as decisões iniciais para o desenvolvimento de um projeto de interiores e quais atributos são mais evidenciados por partes dos profissionais no momento de desenvolver uma proposta projetual.

Foi possível através da entrevista com os usuários verificar quais aspectos projetuais são considerados mais ou menos relevantes a partir do seu próprio ponto de vista, considerando-se aspectos do comportamento, hábitos, costumes e certamente o próprio espaço em que habita, sinalizando que as considerações sobre os estudos da Percepção Ambiental favorecem de forma significativa o entendimento dessas questões.

4. REFERÊNCIAS

DEL RIO, Vicente (org.) et al. **Projeto do Lugar**. Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

DRUESNE, Alexandra. **Cozinhas Integradas**. Coleção Folha Decoração e Design, tradutora: Rita Myrian Zagordo. Folha de São Paulo. 128p. vl.13. São Paulo 2010

DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (org.). **Percepção ambiental a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel / UFSCar, 1996.

ELALI, G. A. **Psicologia Ambiental para Arquitetos: uma experiência didática na UFRN** in DEL RIO, Vicente (org.) et AL **Projeto do Lugar. Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

FERRARA, L. D'Alessio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Edusp, 2ed. 1999.

GIL, A.Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas. 2007

MORAES, Ana Maria de; MONT'ALVÃO, Claudia. **Ergonomia: conceitos e aplicações**. 3ª ed., Rio de Janeiro: 2AB, 2007.

OKAMOTO, J. **Percepção Ambiental e Comportamento.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

RIBEIRO, G. Lúcia & MONT'ALVÃO, Claudia. **Ergonomia do ambiente construído teoria e prática**, in MORAES, Ana Maria de (org.) Ergodesign do ambiente construído e habitado. Rio de Janeiro: iUsEr, 2004

VASCONCELOS, Christianne F., VILLAROUCO, V. e SOARES M., **Contribuição da Psicologia Ambiental na análise ergonômica do ambiente construído.** In: Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces – Humano, Tecnologia, Produção, Informação, Ambiente Construído e Transporte, 9, Curitiba, 2009, Anais. ERGODESIGN. 2009

VASCONCELOS, N. **Semiologia do espaço construído** in DEL RIO, Vicente et al (org.). **Projeto do Lugar.** Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

4º DESIGN FORUM COZINHAS 2020 – **Com os olhos de 2010.** São Paulo – SP. Revista eletrônica. Disponível:
<<http://www.magmidia.com/projects/siq/dfc2/mag.html>>. Acesso em: 10.10.2010.